

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO GÊNERO TEXTUAL ENTREVISTA ORAL

Joseane Aparecida de SOUZA FRANCISCO (UEMS - Campo Grande)¹

Natalina SIERRA ASSÊNCIO COSTA (UEMS - Campo Grande)²

Eixo - Relatos de Experiência

RESUMO:

Este artigo apresenta um relato de experiência voltado para o ensino de língua portuguesa, dentro dos princípios da sociolinguística, tendo como enfoque a heterogeneidade da língua, o preconceito linguístico e a valorização das múltiplas formas de se manifestar na língua materna que deve ser compreendida como heterogênea, em que o falante real, num determinado contexto social, utiliza sua variante, formada a partir de um espaço geográfico, considerando fatores históricos, classe social, idade, sexo, escolaridade que constituem sua identidade. Nesse sentido, será apresentada uma atividade de análise de duas entrevistas orais, desenvolvidas em sala de aula para a turma do 7º ano A da Escola Municipal Prof. Licurgo de Oliveira Bastos (Campo Grande- MS), no 3º e 4º bimestre no ano de 2018, como proposta de intervenção didática, tornando possível, por meio da mediação do professor, desenvolver uma pedagogia da variação linguística, a partir de experiências reais dos alunos, com o intuito de promover uma reflexão sobre a língua materna e seu uso. Como resultado dessa pesquisa, foi possível os alunos construírem conceitos a respeito da variação linguística, para se tornarem mais competentes no uso das variedades prestigiadas, sem menosprezar as outras variantes.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Variação linguística. Ensino.

¹ Professora Mestra de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande e-mail profjoseaneletras@gmail.com

² Professora Doutora do Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS) na UEMS e-mail natysierra2011@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Apesar de os documentos oficiais, que servem de suporte para elaboração das diretrizes educacionais e projetos políticos pedagógicos, proporem como alguns dos objetivos do ensino da Língua Portuguesa, o reconhecimento e o respeito às variedades linguísticas, ao investigar o que está sendo ofertado no ensino de língua portuguesa no Brasil, como língua materna, notam-se crenças e posturas cristalizadas, ancoradas em uma concepção de língua homogênea, tendo como referência a norma-padrão. Tal postura, desconsidera as contribuições dos estudos sociolinguísticos, em relação às variedades linguísticas no ensino do português, contribuindo para uma sociedade permeada de preconceitos.

Assim, esses conceitos homogeneizadores da língua escrita, entendida como norma-padrão, relegam a variação e a diversidade ao lugar estereotipado, sob a crença que existe uma única norma. Isso resulta em uma cultura de substituição da variedade linguística do aluno e não a desejável ampliação de seu repertório. (MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2014, p. 7)

Diante esse cenário, o professor pode contribuir, conforme Bagno (2003), para reforçar essa ideologia de uma língua com apenas uma variedade, a culta, padrão, assim denominada pelos puristas ou assumir uma postura mais democrática em relação ao uso da língua que permita aos alunos utilizar a língua em diferentes modalidades e em diversos registros, adequando-as às mais variadas situações de comunicação.

Tendo em vista as contribuições da sociolinguística em relação ao ensino do português e o reconhecimento das variações linguísticas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), nota-se que o professor de língua portuguesa ainda confunde ensino da língua materna com ensino de gramática, tornando suas aulas, descrições de regras gramaticais.

Tais fatos implicam em mudança de postura do professor, ao assumir que a língua materna possui variantes que são usadas por grupos linguísticos, com características específicas em contextos diferentes, conduzindo o aluno a refletir sobre a Língua Portuguesa como sua língua e suas modalidades, que podem ser usadas desde situações mais íntimas até aquelas que necessitam de um maior cuidado com as normas.

Assim, dentro dos princípios da sociolinguística educacional, as variedades não padrão também devem ser consideradas nas aulas de língua portuguesa, para

que ocorra uma adequada compreensão da heterogeneidade linguística de nossa sociedade, tendo em vista a relação entre língua e sociedade, as influências histórica-sociais e o caráter heterogêneo desse fenômeno linguístico, em que falantes de diferentes variantes interagem entre si.

Por isso, amparando-nos nos conhecimentos da sociolinguística e na sociolinguística educacional sobre as variedades linguísticas, foi realizada uma reflexão sobre a heterogeneidade da língua, o preconceito linguístico e valorização das múltiplas formas de se manifestar na língua materna, tendo em vista o seguinte objetivo: propor uma intervenção didática, tendo como ponto de partida uma entrevista oral, vinculada ao livro didático adotado pela escola municipal Licurgo de Oliveira Bastos, “Português: Linguagens” dos autores de Cereja e Magalhães (2015), coleção escolhida pela maioria dos professores da rede municipal de Campo Grande-MS para o triênio 2017-2018-2019, para a turma do 7º ano com a finalidade de os alunos construírem conceitos a respeito da variação linguística, para se tornarem mais competentes no uso das variedades prestigiadas, sem menosprezar a variante deles.

POR UMA PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

O professor de português deve ter o entendimento que qualquer falante da língua portuguesa, independente do grupo social ao qual pertence, ao se expressar será avaliado. Sendo assim, “as expressões linguísticas, efetivamente utilizadas por um grupo de falantes são avaliadas como prestigiosas (bonitas, corretas, agradáveis) ou desprestigiosas (feias, erradas, desagradáveis)”. (MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2014, p. 7).

Dessa forma, Labov (1972) salienta que

“Há fatos linguísticos que não recebem avaliação de determinada comunidade de fala e são usados de forma inconscientes (indicadores); há outros que recebem positiva/negativa a depender do contexto em que estão inseridos, de modo que situações mais formais acabam por alterar a opção do falante (marcadores); e outros, ainda que sempre recebem avaliação no nível absoluto da consciência do falante, de modo que constituem traços estigmatizantes (estereótipos). (LABOV, 1972, p. 12)

Portanto, cabe ao docente de língua portuguesa conhecer o perfil das variantes que lida diariamente nas produções de seus alunos como o objetivo de orientá-los, levando os alunos a se adequarem aos textos que produzem,

reconhecendo que há usos linguísticos, às vezes, distantes da sua comunidade de fala. Para isso será necessário, conforme, Bortoni-Ricardo (2004) que o professor domine o contínuo de normas que pode ser comparado com três linhas imaginárias. O primeiro é o contínuo de urbanização:

Em uma das pontas dessa linha, nós imaginamos que estão situados os falares rurais mais isolados; na outra ponta, estão os falares urbanos que, ao longo do processo sócio-histórico, foram sofrendo influência de codificação linguística, tais como definição do padrão correto de escrita, também chamado ortografia do padrão correto de pronúncia, também chamado ortoépia, da composição dos dicionários e gramáticas (...) No espaço entre eles fica uma zona *rurbana*. Os grupos *rurbanos* pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52)

Para identificar em que ponto dessa linha um falante do português brasileiro está, segundo a autora supracitada, deve-se levar em consideração a região onde ele nasceu ou vive. Assim, alguém nascido e criado em área rural isolada, situará no polo rural do contínuo e conseqüentemente, seu modo de falar será bastante diferente daqueles que passaram a maior parte ou a vida toda em áreas urbanas e pertencem à cultura letrada. Da mesma forma, haverá também esse distanciamento entre o grupo de falantes *rurbanos* e os urbanos.

No contínuo de oralidade-letramento, a distinção consiste em lembrar que eles estão relacionados a eventos, mediados ou não, pela língua escrita, denominados eventos de letramento e eventos de oralidade. Assim, no polo do letramento estão aqueles que se apoiam em um texto escrito para se comunicarem, que pode ter sido estudado ou lido antecipadamente, por exemplo, o padre ao proferir um sermão já tem um roteiro prévio. Uma conversa em família pode ser considerada um evento de oralidade, conforme Bortoni-Ricardo (2004a)

O contínuo de monitoração estilística está relacionado a situações em que o falante faz uso de estilos mais monitorados, com planejamento e atenção maior ao se comunicar, ou utilizar uma linguagem mais espontânea que não exige monitoramento. Cada situação descrita acima depende “do ambiente, do interlocutor e do tópico da conversa”, podendo a conversa ser mais monitorada/formal ao menos monitorada/informal, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004b).

Amparados por esses conhecimentos, cabe o questionamento de como o professor pode interferir diante dos “erros de português”³ do aluno sem anular sua variante, levando em consideração, de acordo com Silva (2004), que a maioria dos professores de língua portuguesa não possui uma formação sociolinguística adequada, limitando suas aulas a correção ortográfica, pontuação, disposição gráfica do texto escrito etc., relegando o caráter heterogêneo da língua em detrimento de uma única norma, denominada padrão.

Faraco (2008) esclarece que fazer uma reflexão sobre a língua e seu funcionamento é um processo importante no domínio da fala e da escrita de forma fluente, do aluno, porém critica a gramatiquice, compreendida como um estudo da gramática, desarticulada do uso da norma culta, descontextualizada, reduzida a uma lista de conteúdos apresentadas nas aulas, de maneira não funcional.

Assim, para o autor, o ideal seria fazer uma reflexão gramatical sem gramatiquice e estudar a norma culta sem normativismo. Para que isso ocorra, deve-se pensar em uma nova pedagogia para o ensino do português, pois apesar do escasso material de apoio ao professor sobre esses conhecimentos da sociolinguística, alguns autores já produziram materiais para que o docente possa desenvolver um ensino da variação linguística no ambiente escolar, principalmente público, em que a maioria dos alunos faz uso da variedade popular.

Em relação aos autores que contribuíram para o desenvolvimento desse ensino, vale ressaltar a autora Bortoni-Ricardo (2004) que propôs uma ramificação dentro da Sociolinguística denominada Sociolinguística Educacional, com o propósito de conduzir de modo mais sistematizado as contribuições da Sociolinguística ao ensino e a aprendizagem do português brasileiro. Dialogando com o que Erickson (1987) definia como “pedagogia culturalmente sensível”, estes conceitos vão ao encontro do que Faraco (2015) denomina como “pedagogia da variação linguística”, defendendo que é possível desenvolver um ensino de língua portuguesa no Brasil que considera as variedades linguísticas que os alunos trazem de suas experiências, fora do ambiente escolar, como legítimas, e que lhes ensine

³ Para a autora Bortoni-Ricardo (2006) o que a sociedade chama de “erro” na fala das pessoas a Sociolinguística considera tão somente uma questão de inadequação da forma utilizada às expectativas do ouvinte

as variedades cultas da língua, a fim de que possam ampliar sua competência comunicativa⁴.

A ENTREVISTA ORAL REALIZADA PELOS AUTORES DA COLEÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO “PORTUGUÊS: LINGUAGENS”: APRESENTAÇÃO DO TEMA AOS ALUNOS

Os alunos fizeram a leitura da entrevista do cartunista Laerte (p. 221 e 222) do livro didático analisado, conforme o exposto abaixo, para que pudessem ser elucidadas algumas questões a respeito desse gênero, pois conforme Bakhtin (1997) “todo gênero em sua composição, possui uma forma, além de conteúdo e estilo”. Assim, foram extraídas dez perguntas do livro para análise da entrevista oral:

- (i) quem é o entrevistador?
- (ii) em que tipo de atividade se destaca a pessoa entrevistada?
- (iii) o que nos permite visualmente, distinguir a fala do entrevistador da fala do entrevistado?
- (iv) em que veículos podemos encontrar entrevistas orais?
- (v) geralmente, quem é o público das entrevistas?
- (vi) qual o assunto principal das entrevistas?
- (vii) as perguntas demonstram que o entrevistador preparou as questões? Justifique sua resposta.
- (viii) geralmente o entrevistador prepara um roteiro. Você acha que isso aconteceu na entrevista lida?
- (ix) identifique um exemplo de repetição, pausa e informalidade na linguagem.
- (x) quais são as características da entrevista oral?

Os autores Cereja e Magalhães apresentaram conceitos referentes ao gênero entrevista oral antes de contemplar o texto em si, porém, para que os alunos pudessem construir suas hipóteses a respeito das características do texto analisado, a atividade partiu primeiramente da leitura para análise, registro no caderno das questões acima, discussão e constatação das respostas, de acordo com os conceitos do livro e da explicação do professor, para a sistematização sobre as principais informações sobre o gênero entrevista oral. Vale salientar que nem todas

⁴ Competência comunicativa como propõe Dell Hymes e Bortoni-Ricardo retoma (2004: 73) [...] “não inclui só regras que presidem à formação das sentenças, mas também as normas sociais e culturais que definem a adequação da fala”.

as questões da atividade do livro foram contempladas para análise, pois foi levado em consideração o objetivo da pesquisa (a produção de uma entrevista oral). Além disso, na questão (ix) houve a necessidade de adaptá-la por questões de equívocos teóricos, levando em consideração que os autores Cereja e Magalhães afirmam serem as entrevistas um gênero em que predomina a norma-padrão, contudo, de acordo com os teórico já mencionados anteriormente, Faraco (2008), a denominação norma-padrão deve ser evitada ao se referir ao uso da língua materna, utilizando de maneira mais apropriada, norma culta.

Em relação à análise textual, os questionamentos iniciais são superficiais, como nas questões (i) e (ii) em que o aluno teve que responder o nome e a profissão do entrevistado, para ir direcionando a uma reflexão a respeito da estrutura da entrevista oral e suas especificidades que podem ser observadas nas perguntas (iii), (iv), (v), (vii), (viii) e (ix), perpassando por observações sobre a parte visual do texto (nome do entrevistado e do entrevistador em negrito), onde são geralmente veiculadas as entrevistas, a necessidade de se fazer um roteiro, a linguagem utilizada. Nessa entrevista, os autores do livro a reproduziram tal qual foi gravada. Além disso, na questão (vi) o objetivo foi abordar o tema do texto e por fim, o aluno, após ter lançado sua hipótese, pôde concluir sobre esse gênero, tendo em vista a finalidade, suporte/ veículo, tema, estrutura e linguagem.

A seguir, será exposta a análise da entrevista do *rapper* Projota, contrapondo com a entrevista do cartunista Laerte para estabelecer as diferenças e semelhanças entre elas.

A ENTREVISTA DO RAPPER PROJOTA E DO CARTUNISTA LAERTE: ESTABELECENDO AS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE ELAS NA PERSPECTIVA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Segundo Bortoni-Ricardo

É objetivo da pedagogia culturalmente sensível criar em sala de aula ambientes de aprendizagem onde se desenvolvam padrões de participação social, modos de falar e rotinas comunicativas presentes na cultura dos alunos. Tal ajustamento nos processos interacionais é facilitador da transmissão do conhecimento, na medida em que se ativam nos educandos processos cognitivos associados aos processos sociais que lhes são familiares. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 128)

Nesse sentido, ao propor uma atividade que desenvolva a habilidade de uso da língua materna, nas modalidades escrita e oral no educando, seguiu-se esse

viés. Assim sendo, houve a necessidade de planejar uma aula em que o gênero entrevista oral apresentasse uma linguagem mais informal, diferente da entrevista do cartunista Laerte, que emprega a norma culta com o intuito de propor uma reflexão sobre as variações possíveis da língua, na modalidade oral, levando em consideração vários fatores.

Para isso, foi programada a apresentação de um vídeo em que o apresentador do programa *The Noite*, Danilo Gentili, entrevista o *rapper* Projota⁵. Nesse vídeo o músico fala do início de sua carreira, de seus sucessos, hábitos, sonhos etc., temas de interesse dos alunos. A intenção foi desenvolver um laço de confiança nos educandos para possibilitar um diálogo que proporcionasse uma reflexão sociolinguística, contrapondo as duas entrevistas. Abaixo serão expostos trechos dessa conversa, após os alunos terem assistido o vídeo supracitado.

[...]

Professora: O que vocês perceberam no jeito de falar dele?

Samuel: Bem humilde.

Carlos: Engraçado.

Professor: Mas e o jeito de falar?

Kauã: Usa gírias, fala rimando.

Professora: Quais gírias ele utilizou?

Carlos: “Mano”, “tá ligado”.

Vinícius: “Pode crê”.

Samuel: *Brother*, “véi”.

Professora: Alguém mais se lembra de outros exemplos?

Lucas: “Loco”, “é nós”.

Professora: O jeito como ele falou é igual ao do cartunista Laerte?

Lucas: Não.

Professora: O que tem de diferente entre os dois entrevistados?

Raíssa: O entrevistado Laerte é mais... como eu vou dizer... é mais formal a fala dele.

Professora: Quando você fala mais formal, o que você entende por isso?

Raíssa: Ele não fala muitas gírias.

Professora: Um excelente exemplo. Alguém mais quer acrescentar?

⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hIrfYElfCHQ>

Kauã: Ele fala só sobre o assunto da entrevista.

Professora: Então ele é mais direcionado?

Alisson: Sim. Ele não fala “palavrão”.

[...]

Nesta etapa do diálogo, estava em discussão a linguagem empregada pelos dois entrevistados (*rapper* Projota e o cartunista Laerte). Os alunos observaram que o artista utilizava termos como gírias e o cartunista empregava uma linguagem mais formal. Tal fato evidencia que não somente o tom de voz, postura corporal deve ser levada em consideração, em uma entrevista oral, a linguagem utilizada pelo entrevistado também deve ser analisada.

Novos trechos foram apresentados, com o propósito de haver uma reflexão sobre os diversos fatores que determinam a variação da língua em uso pelos entrevistados.

[...]

Professora: Sobre o entrevistado Laerte, qual a profissão dele?

Michael: Laerte desenha quadrinhos, escreve livros e faz tirinhas para jornais.

Professora: E o Projota?

Raíssa: Ele é *rapper*. Compõe e canta *rap*.

Professora: Por que o jeito de falar de Laerte é mais formal do que o jeito de falar do Projota, como afirmou a aluna Raíssa?

Samuel: Porque o Projota é um *rapper*, fala gírias e o Laerte é um cartunista, um escritor.

Professor: O que isso significa?

Eduardo: Laerte trabalha com uma linguagem mais formal porque escreve histórias e faz tirinhas para o jornal.

Professora: O tipo de profissão de Laerte e do Projota é importante para a adequação da linguagem deles?

Ana: Sim. O Projota canta para adolescentes e adultos que gostam de *rap*. Então tem que usar uma fala igual a deles.

Professora: Se o Projota estivesse falando para outro público que não fosse seus fãs, poderia utilizar fala diferente?

Eduardo: Por exemplo, se ele fosse falar com a diretora de uma escola e fizesse uma brincadeira com ela, como ele fez na entrevista com o Danilo, não daria certo.

Carlos: É que o cantor de *rap* “é mais animado”. Agora se fosse falar com um diretor ele falaria diferente sim.

Professora: Seria uma fala mais formal ou menos formal?

Vinícius: Mais formal.

[...]

A essa altura, o diálogo ocorreu sobre o contínuo de variação estilística (Bortoni-Ricardo, 2004), ou seja, os alunos notaram que fatores como a profissão e o público para quem se fala puderam influenciar na linguagem dos entrevistados. Dessa forma, o *rapper* emprega uma fala mais espontânea por ser um músico em que seu estilo é mais informal, mais popular, voltada para um público (jovem e adulto) que se identificam com o *rap* que geralmente resgata por meio da música, a identidade do morador da periferia e suas mazelas, como seus sonhos, angústias, lutas, protestos e vivências. Essa aproximação com esse universo se dá pela linguagem, pelo uso de uma variante estigmatizada, popular, da periferia. Em contrapartida, o cartunista emprega, ao falar, a norma culta, pois o público leitor dele são na grande maioria, os falantes da norma culta urbana, leitores de revistas e jornais em que está veiculado parte de seu trabalho. Nas entrevistas ficam evidentes essas situações de monitoramento e de espontaneidade da fala de cada entrevistado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se por um lado há um idioma, uma língua que representa a nação brasileira, também existe uma enorme variação linguística considerável e justificada, a qual não deve ser vista como uma forma “errada” de falar, incorrendo em preconceitos linguísticos. Postura que gera uma ideia, presente em boa parte da sociedade, de que a língua dita “gramaticalmente correta” representa o que é “belo”, “correto”, ocasionando em um culto a esse ideal de língua, configurando em uma crença de que todas as outras manifestações de nosso português brasileiro que não foi convencionalizado como o modo certo de falar e escrever, não podem ser consideradas belas, lógicas e corretas.

Diante desse panorama, a escola, ambiente onde muitas vezes se tenta homogeneizar a linguagem de uma comunidade, deve levar em conta essa variação linguística, ou seja, esses fenômenos linguísticos refletidos na oralidade dos alunos,

sem menosprezar, por meio de preconceitos linguísticos, a fala do educando e sua bagagem cultural.

Nesse sentido, o desenvolvimento da atividade sobre a produção da entrevista oral, configurou em uma postura crítica e autônoma da professora ao utilizar como ponto de partida uma atividade extraída do livro didático, fazendo as adaptações necessárias para que houvesse uma reflexão dos alunos a respeito da composição do gênero entrevista, desde a produção, observando sua finalidade, suporte/ veículo, tema, estrutura e linguagem. Além do enfoque maior que foi trabalhar alguns conceitos sobre a variação linguística. Por conseguinte, para que houvesse essa intervenção, foi necessário, por parte da professora, um conhecimento mínimo dos postulados teóricos-metodológicos da Sociolinguística, de modo não ser uma mera repetidora de informações ou repassadora de conteúdos veiculados no livro didático.

Nessa direção, uma das primeiras tarefas da professora foi reconhecer a realidade linguística da sala de aula, observando por meio de textos orais e escritos, o contínuo de urbanização de cada aluno, ou seja, verificar se na fala deles havia traços graduais (comum na fala das maioria dos brasileiros urbanos) ou descontínuos (mais comum na fala rural) para posteriormente pensar em atividades, a partir da realidade sociolinguística do aluno. Essa observação ocorreu durante o primeiro semestre, antes da intervenção didática. Outra atividade que foi desenvolvida com os alunos, ao seguir a sequência didática, está relacionada ao levantamento do conhecimento prévio dos mesmos a respeito da variação linguística e os saberes intrínsecos a ela. Nesse sentido, a apresentação do vídeo em que o apresentador Danilo Gentili entrevistava o *rapper* Projota proporcionou discussões, levantamento de hipóteses e constatações acerca do uso da língua heterogênea, em situações reais da fala.

Além disso, ao comparar as duas entrevistas (do cartunista Laerte e do *rapper* Projota), sendo que a primeira apresentava uma linguagem mais formal em detrimento da outra, os alunos perceberam que um mesmo gênero textual pode evidenciar variedades diferentes. Dessa forma, desenvolveu no discente a competência linguística de modo a saber usar uma variedade ou outra, mesmo sendo o mesmo gênero textual (oral ou escrito), de acordo com as situações de interação. Desse modo, no caso de contextos mais formais, utiliza-se a norma culta; em casos menos formais, mais familiares, emprega-se a variedade popular, menos

prestigiada socialmente. Tais conhecimentos ensinam os alunos a transitarem de uma variedade linguística para outra de acordo com o contexto, com se fala ou para quem se escreve e de acordo com o assunto.

Dessa forma, a partir de ações como essas, o professor estará cumprindo com sua função de inserir os alunos de forma plena na cultura letrada para poder se valer desse bem cultural, que ele tem direito.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais de Língua Portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nós chegemu na escola, e agora?: Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CYRANKA, L. F. M. A pedagogia da variação linguística é possível? In: ZILLES, A. M. S; FARACO; C. A. (orgs.). **Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

COCHAR, Thereza Anália Magalhães; Cereja, William Roberto. **Português: Linguagens**. 9ª ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, A. M.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf> Acesso em 13/04/2018.

ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (orgs.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo, 2015.

